

**O NOVO PAPEL SOCIAL DA MULHER: PERSPETIVAS DE  
APRENDIZAGEM COM O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DAS  
MULHERES CURDAS**

**EL NUEVO ROL SOCIAL DE LA MUJER: PERSPECTIVAS DE  
APRENDIZAJE CON EL MOVIMIENTO DE LA LIBERACIÓN DE LAS  
MUJERES KURDAS**

**Raquel Pedro**

Investigadora independente

**Resumo:** Mesmo a partir de uma perspetiva de estudos crítica e feminista, é comum interiorizarmos a narrativa geral tida acerca das mulheres do Oriente Médio – que perpetuam os estereótipos da “mulher oprimida” que “precisa de salvação (Spivak, 1988, p.2). Os efeitos deste olhar colonial vêm-se a refletir em todas as esferas da sociedade ocidental – inclusive na própria academia – segundo um processo o qual Said teorizou como Orientalismo (Said, 2004). Neste artigo procuro oferecer uma perspetiva que desmistifique estes estereótipos bem como construir outras perspetivas epistemológicas (Sousa Santos, 2014), utilizando ferramentas críticas desenvolvidas na luta de uma comunidade de mulheres não ocidentais: o Movimento de Libertação das Mulheres que surgiu há mais de 30 anos, no seio do Movimento de Autodeterminação do Povo Curdo. Depois de contextualizar historicamente o Movimento de Libertação das mulheres curdas, o meu objetivo é poder analisar a teoria crítica da Jineolojî – a “Ciência das Mulheres” , teorizada em 2011 a par com as soluções práticas que se desenvolvem no terreno, exemplificando uma articulação de papéis de género, famílias e sociedade que desconstrói as tradicionais categorias de pensamento científico hegemónico, assumido como eurocêntrico e masculino (Federici, 2004).

Em primeiro lugar, esta articulação vinculante – entre gênero, família e sociedade – vai ser analisada mediante o material produzido pelo próprio movimento e pelo líder Ocalan que também têm teorizado sobre o assunto: “A frustração masculina em relação às condições existentes é dirigida contra o suposto membro “frágil” da família: a mulher. A família como instituição social está em crise. A solução desta crise familiar, assim como de outras crises, encontra-se no contexto de uma democratização completa.” (Ocalan, 2008, p.37).

Em segundo lugar, pretendo descrever como, através da Jineolojî as curdas formularam uma crítica à ciência tradicional do Ocidente, descrevendo-a como eurocêntrica, racista e machista. Na mesma linha teórica da crítica pós-colonial e descolonial, as críticas de jineolojî são relativas ao estatuto da 'objetividade' da ciência ocidental (Grosfoguel, 2011, pp.341-355) ou da relação hierárquica entre observador e observado (Sousa Santos 2018): ‘in which way has the relation between the social sciences and power developed and how has this relation distorted woman’s ontology? (Jineolojî, 2018, p.11). Assim, procuro demonstrar de que forma a Jineolojî propõe uma mudança dos paradigmas metodológicos e estruturais da ciência, abordando as suas oito principais esferas de ação: Estética-Ética, Economia, Demografia, Ecologia, História, Saúde, Educação e Política, onde procuram re-definir e re-enquadrar o papel e a representação da mulher, com a pergunta: ‘What are the origins of our statement regarding the problem of methodology in social sciences and the need for change?’ (Jineolojî, 2018, p.11).

O conceito de Jineolojî será analisado enquanto forma de "conhecimento localizado" (Haraway, 2009, pp.7-41), uma vez que as curdas definem conhecimento como resultado da acumulação de experiências práticas e regionais, tidas num contexto de luta contra o Estado Turco e o Estado Islâmico – em simultâneo, como possível nova epistemologia enquanto forma de construção de novos "territórios assentes" (Sousa Santos, 2002,) na Sociologia da liberdade (Ocalan 2019).

**Resumén:** Incluso desde una perspectiva crítica y feminista, es común internalizar la narrativa general sobre las mujeres en el Medio Oriente, quienes perpetúan los estereotipos de la “mujer oprimida” que “necesita salvación” (Spivak, 1988, p. 2). Los efectos de esta mirada colonial se han reflejado en todos los ámbitos de la sociedad occidental - incluida la propia academia - según un proceso que Said teorizó como orientalismo (Said, 2004).

En este artículo trato de ofrecer una perspectiva que desmitifica estos estereotipos así como construir otras perspectivas epistemológicas (Sousa Santos, 2014), utilizando herramientas críticas desarrolladas en la lucha de una comunidad de mujeres no occidentales: el Movimiento

de Liberación de Mujeres que surgió hace más de 30 años. , dentro del Movimiento de Autodeterminación del Pueblo Kurdo. Después de contextualizar históricamente el Movimiento por la Liberación de las mujeres kurdas, mi objetivo es poder analizar la teoría crítica de Jineolojî - la “Ciencia de la Mujer”, teorizada en 2011 junto con las soluciones prácticas que se desarrollan sobre el terreno, ejemplificando un roles de género, familias y sociedad que deconstruye las categorías tradicionales del pensamiento científico hegemónico, asumido como eurocéntrico y masculino (Federici, 2004).

En primer lugar, esta articulación vinculante - entre género, familia y sociedad - será analizada a través del material producido por el propio movimiento y por el líder Ocalan, quienes también han teorizado sobre el tema: “La frustración masculina en relación a las condiciones existentes se dirige contra el Supuesto miembro “frágil” de la familia: la mujer. La familia como institución social está en crisis. La solución a esta crisis familiar, así como a otras crisis, está en el contexto de una democratización completa”. (Ocalan, 2008, p. 37).

En segundo lugar, pretendo describir cómo, a través de Jineolojî, los kurdos formularon una crítica de la ciencia tradicional en Occidente, describiéndola como eurocéntrica, racista y sexista. En la misma línea teórica que la crítica poscolonial y decolonial, las críticas de jineolojî se relacionan con el estatus de 'objetividad' de la ciencia occidental (Grosfoguel, 2011, pp.341-355) o la relación jerárquica entre observador y observado (Sousa Santos 2018). ): '¿de qué manera se ha desarrollado la relación entre las ciencias sociales y el poder y cómo esta relación ha distorsionado la ontología de la mujer? (Jineolojî, 2018, p.11). Así, trato de demostrar cómo Jineolojî propone un cambio en los paradigmas metodológicos y estructurales de la ciencia, abordando sus ocho grandes esferas de acción: Estética-Ética, Economía, Demografía, Ecología, Historia, Salud, Educación y Política, donde buscan reencontrarse. -definir y replantear el papel y la representación de las mujeres, con la pregunta: '¿Cuáles son los orígenes de nuestra afirmación sobre el problema de la metodología en las ciencias sociales y la necesidad de cambio?'. (Jineolojî, 2018, p.11).

El concepto de Jineolojî será analizado como una forma de " conocimiento localizado " (Haraway, 2009, pp.7-41), ya que los kurdos definen el conocimiento como resultado de la combinación de experiencias prácticas y regionales, tomadas en un contexto de lucha contra el Estado turco y el Estado Islámico - simultáneamente, como una posible nueva epistemología como forma de construir nuevos ``territorios asentados" (Sousa Santos, 2002,) en la Sociología de la libertad (Ocalan 2019).

Mesmo a partir de uma perspectiva de estudos crítica e feminista, é comum interiorizarmos a narrativa geral tida acerca das mulheres do Oriente Médio que perpetua estereótipos da “mulher oprimida” que “precisa de salvação” como se vivêssemos num mundo onde “white men are saving brown women from brown men” (Spivak : 1988 : 3). Os efeitos deste olhar colonial refletem-se em todas as esferas da sociedade ocidental – inclusive na própria academia – segundo um processo o qual Said teorizou como Orientalismo: “Orientalism is a style of thought based upon an ontological and epistemological distinction made between “the Orient” and (most of the time) “the Occident.” ”. (Said : 2004: 10). Tendo em conta o colonialismo enquanto causa desses estereótipos, procurei desmistificá-los e contribuir para a construção de novas perspectivas epistemológicas sobre as mulheres do Médio Oriente: “colonialism has disabled the global North from learning in non-colonial terms, that is, in terms that allow for the existence of histories other than the universal history of the West.” (Sousa Santos: 2014). Irei utilizar ferramentas desenvolvidas na luta de Libertação das Mulheres que surgiu no seio do Movimento de Autodeterminação do Povo Curdo, a par com o PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos), liderado por Abdullah Ocalan. Estes adotaram uma posição crítica face ao estado onde o sexismo, o estado-nação, a ciência positivista e a religiosidade são apontados como os fundamentos que promovem o “entendimento centralista e burocrático da administração do exercício do poder.”(Ocalan: 2012: 26). Alinhada com esta crítica encontra-se a sua proposta para um novo sistema social: o confederalismo democrático que entende “A frustração masculina em relação às condições existentes é dirigida contra o suposto membro “frágil” da família: a mulher. A família como instituição social está em crise. A solução desta crise familiar, assim como de outras crises, encontra-se no contexto de uma democratização completa.” (Ocalan: 2008: 37). É determinado que a origem do sexismo acontece com a consagração da instituição familiar, quando a mulher passou a estar confinada ao ambiente doméstico e foi obrigada a exercer funções não remuneradas. A partir daí, a hierarquia entre homens e mulheres expandiu-se para o resto da sociedade. O estado-nação passou a funcionar como perpetuador do poder dos homens, escravizando a mulher como veio a escravizar os povos e afastando-a das estruturas de governação. Assim, a libertação da mulher “descreve a essência da democracia em geral, dos direitos humanos e da harmonia entre a natureza e a igualdade comunal”.

Em oposição à Ciência Positivista, as Curdas começaram a trabalhar numa ciência que estabelece uma nova perspectiva da vida, construída a partir das experiências das mulheres: Jineolojî - ‘Jin’ significa ‘mulher’ e ‘jian’- ‘vida’ (em Curdo) e logos (do grego), “ciência.”

Esta ciência constitui parte integrante do confederalismo democrático. A imagem que a acompanha tem representada a Deusa Ishtar a segurar um fuso de fiar. O fio significa o conhecimento que atravessa a história da humanidade e chega à ‘sociedade natural’. A Jineolojî é o fuso que desembaraça a história, seguindo o fio que restaura a conexão perdida com a mentalidade da Deusa mãe e da sociedade comunal. Ocalan analisou o período antecedente à história da civilização, focando-se nos territórios da Mesopotâmia e Médio Oriente e os seus estudos indicam que a adoração à Deusa durante o Neolítico reflete a importância do papel que as mulheres tinham na sociedade. No entanto, “Since the earliest social groupings, there had been tension between woman’s gathering and man’s hunting, with the result that two different cultural evolutions developed within society.” (Ocalan: 2013: 15).

Os Curdos definem conhecimento como o resultado da acumulação das experiências práticas e regionais de cada povo, alinhando-se com a ideia de ‘conhecimento localizado’ desenvolvida por Haraway: “precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluindo a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder. Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro.” (Harway: 2009). Além disso, procuram desconstruir as tradicionais categorias do pensamento científico hegemônico - eurocêntrico e masculino que não “torna visível as suas estruturas de dominação e exploração” (Federici: 2004). O Positivismo divide a sociedade entre objetos/observado e sujeitos/quem observa durante o processo analítico, estabelecendo uma relação hierárquica entre ambos e ditando o observador como conhecedor. Com o estatuto adquirido pela ‘Objetividade’ as ciências sociais não olham para a posição tida pelo observador, que é, na maioria das vezes, um homem branco. Assim, invisibilizam “las voces críticas y el pensamiento crítico provenientes de personas y grupos inferiorizados y subalternizados por este racismo e sexismo epistémicos.” (Grosfoguel: 2011). As mulheres tornaram-se um dos grupos excluídos da produção de conhecimento, podendo entender-se como parte da sociologia das ausências: “pesquisa sobre os modos como o colonialismo, sob a forma de colonialismo de poder, de conhecimento e de ser, funciona em conjunto com o capitalismo e o patriarcado a fim de produzir exclusões abissais, ou seja, a fim de tornar certos grupos de pessoas e formas de vida social não existentes, invisíveis, radicalmente inferiores ou radicalmente perigosos, em suma, descartáveis ou ameaçadores” (Sousa Santos : 2018). A questão colocada pela Jineoljî, tendo em conta a divisão sujeito/objeto e o antagonismo entre ciência positivista/sociedade é “como é que esta fragmentação tem destruído ontologicamente a mulher?” (Jineolojî : 2018: 11).

Quanto à religiosidade, esta é entendida como problemática a partir do momento em que o monoteísmo foi adotado, quando a figura masculina se tornou a única e maior divindade. À mulher, foi atribuída a reprodução como tarefa principal, algo que seria um mandamento de Deus. Mesmo quando o papel da religião na sociedade ocidental deu lugar à ciência, a mulher continuou a ser reduzida ao sistema reprodutor. Por exemplo, na medicina, como analisado por Foucault: “Histerização do corpo da mulher: tríplex processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado — qualificado e desqualificado — como corpo integralmente saturado de sexualidade; e integrado, sob o efeito de uma patologia que lhe seria intrínseca, ao campo das práticas médicas; pelo qual, enfim, foi posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deve assegurar), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação): a Mãe, com sua imagem em negativo que é a "mulher nervosa", constitui a forma mais visível desta histerização” (Foucault : 1970).

Para a Jineolojî cada mulher deve ingressar numa jornada de autoconhecimento, resistência e consciência (em Curdo, xwebûn) até que sejam livres. O movimento acredita que a sociedade não é livre até que todos os seus grupos e indivíduos o sejam. Esta jornada começa através da prática do livre-pensamento e livre-arbítrio, princípios indissociáveis, dado que a mulher não se consegue libertar do controle patriarcal da mente se for privada de vontade própria. Assim, é essencial desenvolver a autoestima, aceder à autoconsciência e ao autoconhecimento para se poderem vir a organizar e implementar novas visões anti patriarcais na sociedade. O Waeltjarezi é aquele que procura retomar a ligação entre as mulheres e a terra, a produção e a cultura. Implica anular todo o colonialismo e nacionalismo, preservando apenas os valores históricos e espirituais de cada povo e levando a que as mulheres retomem a sua participação na sociedade como seres livres. Por fim, a organização e a luta estão inter-relacionadas, ditam que as mulheres se devem organizar autonomamente em estruturas da comunidade e do movimento, combatendo e resistindo ao sistema patriarcal. Por isso, e a par com a produção teórica, foram adotadas uma série de medidas práticas que podem ser epistemologicamente entendidas como forma de novos “territórios assentes” na Sociologia da liberdade e enquadradas na Sociologia das Emergências: mediadas através de “expectativas que apontam para novos caminhos da emancipação social, ou melhor, das emancipações sociais” (Sousa Santos: 2002: 44). Um desses principais territórios é a comuna internacionalista de Rojava, situada no Nordeste Sírio (Curdistão). Foi conquistado pelas Unidades de Proteção Popular (YPG) da qual o exército feminino (YPJ) faz parte. Este também defende outros

territórios e combate o Estado Islâmico. A sua formação contribuiu para desconstruir a mentalidade estatal de que os homens devem ser ‘protetores’ e as mulheres ‘protegidas’: “in contexts where women and men were together, women had this understanding that men would take care of things. We had to change that attitude, which is where the YPJ came in.” (D. Zoan : 2016). O movimento de libertação das mulheres é responsável por sugerir e implementar pautas pela igualdade de gênero. Para combater a desigualdade participativa das mulheres nos organismos políticos, organizam-se em assembleias exclusivas e têm uma quota de participação mínima de 40% quando são mistas. Quando há necessidade de representação ou cargos é aplicada a regra da copresidência, delegando-se sempre uma mulher e um homem em igualdade de funções. Os casamentos forçados ou com menores de idade, os crimes de honra, a poligamia e os dotes foram proibidos, o que fez com que as mulheres passassem a poder receber heranças, possuir bens e as tutelas das crianças deixaram de ser exclusivas dos pais. Quando acontecem crimes nesta área não se recorre às Mala Gel (casas de pessoas) mas sim às Mala Jî (Casas de Mulheres), pois estas são casas de justiça especializadas no tratamento de assuntos relativos à violência patriarcal, além de geridas inteiramente por mulheres. Quando uma mulher reportar abusos e pedir o divórcio a casa acolhe-a durante 15 dias. Nesse prazo, caso a reconciliação não tenha sido possível, o processo dá entrada no tribunal e a juíza é sempre mulher. Existem casas de proteção que podem acolher as mulheres recém-divorciadas e os seus filhos. Lá, são protegidas dos ex-maridos abusivos, ajudadas a encontrar emprego e as crianças educadas.

Em Rojava foram fundadas diversas academias que retomaram o ensino da língua Curda (proibido pelo regime de Assad) e definiram um plano de estudos que incluía história (para visibilizar os povos colonizados, tornando-os sujeitos) e a ‘sociologia da liberdade’. As academias femininas funcionam por sessões e o seu tema é decidido consoante as necessidades da comuna onde estão inseridas. Normalmente, o foco é a autodefesa, já que reúnem mulheres de várias etnias que chegam para se fortalecer. A universidade criou também um curso de ‘Jineolojî’, atualmente com quatro anos. O objetivo é formar cidadãos capazes de vir a contribuir para a vida em comunidade, o que não impede de chegarem ao conhecimento de forma compartilhada, já que alunos e professores não se inter-relacionam de forma hierárquica.

A Jineolojî identifica ainda oito áreas da vida onde se deve agir, que coincidem com as que estão em crise no atual sistema. A ‘Estética-Ética’ dita que a mulher não deve mais apresentar-se para agradar ao homem, mas por ela própria, redefinindo-se numa identidade que recupera e ‘época-natural’, onde a mulher vivia livre. Também deve recuperar a sua voz, observando a sua presença na história e articulando-a com a literatura e a linguagem. A

economia é o campo mais problemático por ser aquele onde os grupos sociais se rendem durante o capitalismo, principalmente as mulheres. O valor do trabalho deve ser transposto para uma perspectiva económica que reconheça e se baseie no trabalho materno. Na demografia deverá desenvolver-se uma compreensão pela autodeterminação das mulheres, que passam a poder decidir sobre os seus corpos. Volta a ser incentivado o olhar para a ‘época natural’ onde as mulheres eram consideradas seres de luz por conseguirem gerar e nutrir um bebê. A liderança matriarcal inicial foi corrompida pelos princípios da linhagem. A obsessão por reproduzir um macho que viesse assumir o poder e o património da família tornou-se um princípio indispensável ao longo de gerações e sociedades, sobretudo na cultura dinástica. A própria sexualidade foi despojada dos seus valores éticos-estéticos intrínsecos. A ecologia é a esfera que ajuda a superar o conflito artificial entre a atual sociedade humana e a natureza. Quando as mulheres eram centrais à sociedade, o culto e o respeito à natureza estava pressuposto. O vínculo foi destruído com o surgimento do estado, deixando as pessoas alienadas de si mesmas, das mulheres e da sociedade. As ideias ecológicas adoptadas pelos Curdos advém dos escritos de Bookchin “When we say that modern industry has become too complex, we normally mean that our knowledge, skills, insights, and traditions for growing or fabricating our means of life have been usurped by a stupendous, often meaningless, social machinery that renders us unable to cope with the most elementary imperatives of life.” (Bookchin: 1981: 317). Já na história as mulheres conectam o passado ao presente e a sociedade à natureza. Aquilo a que se chama ‘história da civilização’ é a derrota das mulheres e deve ser destruída. A própria mulher é um acúmulo de valores sociais e culturais que são históricos por si e por isso não pode apenas ‘somar-se ao que já existe’. A saúde deve recuperar sabedorias milenares tidas pelas mulheres que curaram pessoas ao longo da história, conhecimento negado pelo positivismo ocidental. A Jineoljî luta para transformar esta esfera, sobretudo no Médio Oriente, onde as comunidades foram muito afetadas pela colonização. Na educação, a natureza é tida como a primeira professora do povo, as mulheres como as suas primeiras aprendizas e, por isso, primeiras professoras da sociedade. Em Curdo: ‘perwerde’ significa natureza e educação em simultâneo. Devemos proteger as crianças e os jovens do sistema educacional capitalista e educá-los pelo amor, a filosofia da liberdade e o respeito - devem aprender a assumir a responsabilidade de gerir as suas próprias vidas. No que toca à política as curdas pretendem que a população deixe de a ver como os organismos do estado e ajudar na construção de um sistema onde todos os grupos sociais possam participar com as suas próprias vontades e necessidades. Se continuarmos a entender a política com base na mentalidade do estado-nação continuar-se-á a reproduzir o hábito de usar a ‘política’ como meio de opressão. A sociedade não deve ser



alienada da política nem constituída um objeto seu. A jineolojî deve preparar os indivíduos para o campo político a nível mental, encorajando-os a alcançar a liberdade, a igualdade e a democracia. A sociedade deve encorajá-la a reconhecer o seu próprio poder de se gerir a si mesma. As esferas de ação precisam de ser ensinadas e aprendidas e produzir conhecimento específico a par com as necessidades de cada comunidade que também se diferencia pelos seus processos históricos.

Apesar da Jineolojî ainda ter sido aplicada apenas em territórios do Médio Oriente, podemos analisá-la e compreender as aprendizagens essenciais que nos trazem enquanto perspectiva para a libertação mundial das mulheres. Partimos do pressuposto que também vivemos numa sociedade patriarcal, onde as instituições opressoras subjugam as mulheres. O movimento feminista tem sido construído numa base ocidental-cêntrica que só prejudica a emancipação das próprias mulheres. Assim, o caso da luta das mulheres curdas deve servir para nos abrir os olhos, de modo a percebermos que as lutas e a resistência estão por toda a parte e em toda a parte têm coisas a ensinar-nos. Por um lado, podemos aprender com a forma como as estruturas democráticas são construídas, com base na necessidade de representação de ambos os sexos bem como na existência de espaços não mistos (exclusivos para mulheres) que se apresentam com a segurança necessária e são indispensáveis ao debate interno das questões que afetam este grupo social. Por outro lado, as lutas do povo curdo, além da presença da questão feminina, têm atravessado inúmeros momentos difíceis e precisam da maior solidariedade internacional possível. Não devemos deixar de estar atentos, conhecer a sua história e entender os ataques que têm sofrido, por parte dos governos Turco e Sírio além de serem uma enorme frente de combate ao ISIS (Estado Islâmico).

## **Bibliografia**

Comité Europeu de Jineolojî (2018), *Jineolojî*. Disponível em <https://jineoloji.org/en/wp-content/uploads/2018/05/Jineoloj%C3%AE-English-v2-Final.pdf>

Bookchin, Murray (1981) *The sociology of freedom*. Cheshire Books.

Federici, Silvia (2004) *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*. Autonomedia.

Foucault, Michael (1994) *A história da sexualidade: Vontade do saber*. Relógio d'água.

- Garrido, Bruno (2019). *Entrevista a Zilan Dyanar*. Guilhotina.info, online, disponível em: <https://guilhotina.info/2019/06/20/curdistao-entrevista-zilan-dyar-movimento-mulheres-curdas/#pratica>
- Grosfoguel, Ramón. (2011) *Racismo Epistêmico, Islamofobia Epistêmica E Ciências Sociais Coloniais*. Tabula Rasa [Online]. 2011, N.14
- Haraway, D. (2009), *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu.
- Ocalan, Abdullah, (2008), *Guerra e paz no Curdistão – Perspectivas para uma solução Política no Curdistão*. Disponível em <http://www.freedom-forocalan.com/linguas/hintergrund/schriften/Ocalan-Guerra-e-paz-no-Curdistao.pdf>
- Ocalan, Adbdullah (2019), *The Sociology of Freedom: Manifesto of the Democratic Civilization*. Internacional Iniciative.
- Ocalan, Adbdullah (2016). *Liberating Life: Woman's Revolution*. Internacional Iniciative.
- Santos, Boaventura De Sousa (2002) *Para Uma Sociologia Das Ausências. E Uma Sociologia Das Emergências*, Revista Crítica De Ciências Sociais, 63, Outubro.
- Santos, Boaventura De Sousa (2014) *Epistemologies of the South. Justice against Epistemicide*. Boulder/Londres: Paradigm Publishers.
- Santos, Boaventura De Sousa (2018) *O fim do Império cognitive*. Almedina.
- Said, Edward W. (2004). *Orientalismo*. Cotovia.
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1988) *Can the Subaltern Speak?* In *Reflections on the History of an Idea*. Rosalind Morris.